

O “LUGAR” RIBEIRÃO DOS PORCOS NA MEMÓRIA DAS GENTES DE ANANÁS, TOCANTINS, BRASIL

THE “PLACE” RIBEIRÃO DOS PORCOS IN THE MEMORY OF THE PEOPLE OF CITY ANANÁS, TOCANTINS, BRAZIL

Leandra Belarmino da Costa
leandracosta.az@gmail.com

Eliseu Pereira de Brito
eliseu.brito@ufnt.edu.br

RESUMO

O objetivo foi realizar um estudo sobre os significados dos locais e paisagens do ribeirão dos Porcos em Ananás e em outras áreas da cidade. A geografia de uma ocupação da frente pioneira que entrou no Bico do Papagaio para explorar a floresta e garimpar diamantes e cristais, quebrar cocos babaçu e estabelecer roças de toco são as ações principais que lideraram a ocupação da região conhecida como Ananás. Localiza-se em uma região de transição entre o Cerrado e a Floresta Amazônica, na bacia do rio Araguaia, do qual o ribeirão é um afluente de segunda ordem. Para desenvolvermos a pesquisa, realizamos uma discussão teórico-metodológica da categoria lugar, na qual as noções de espaço percebido, concebido e vivido foram abordadas ao longo do texto. Essa discussão é essencial para entender os locais de vivências e experiências, bem como para atribuir novos significados as casas, balneários, ruas e praças. A pesquisa de campo foi realizada por meio da história oral, envolvendo tanto os moradores do contexto sócio-histórico de ocupação quanto os jovens, utilizando imagens para interpretar os locais discutidos no texto.

Palavras-chaves: Vivência, Recordações, Produção espacial, Lugares.

ABSTRACT

A study on the significance of the locations and sceneries of the Porcos Stream in Ananás and other parts of the city was the aim. The main factors that contributed to the development of the Ananás region are the geography of a pioneering colony that entered the Bico do Papagaio to explore the forest, mine diamonds and crystals, crack babassu nuts, and create slash-and-burn farms. The Araguaia River basin, of which the stream is a second-order tributary, is where it is situated, situated in a transitional area between the Cerrado and the Amazon Rainforest. The concepts of perceived, imagined, and lived space were discussed throughout the book as part of a theoretical-methodological conversation we undertook in the category of place in order to further the research. Understanding experiential locations and giving homes, resorts, streets, and squares new meanings depend on this conversation. Both the youth and the inhabitants of the socio-historical environment of occupation participated in the oral history field research, which used photographs to explain the locations mentioned in the text.

Key-words: Place, Memory, Landscape, Ribeirão of Pigs, Ananás (TO).

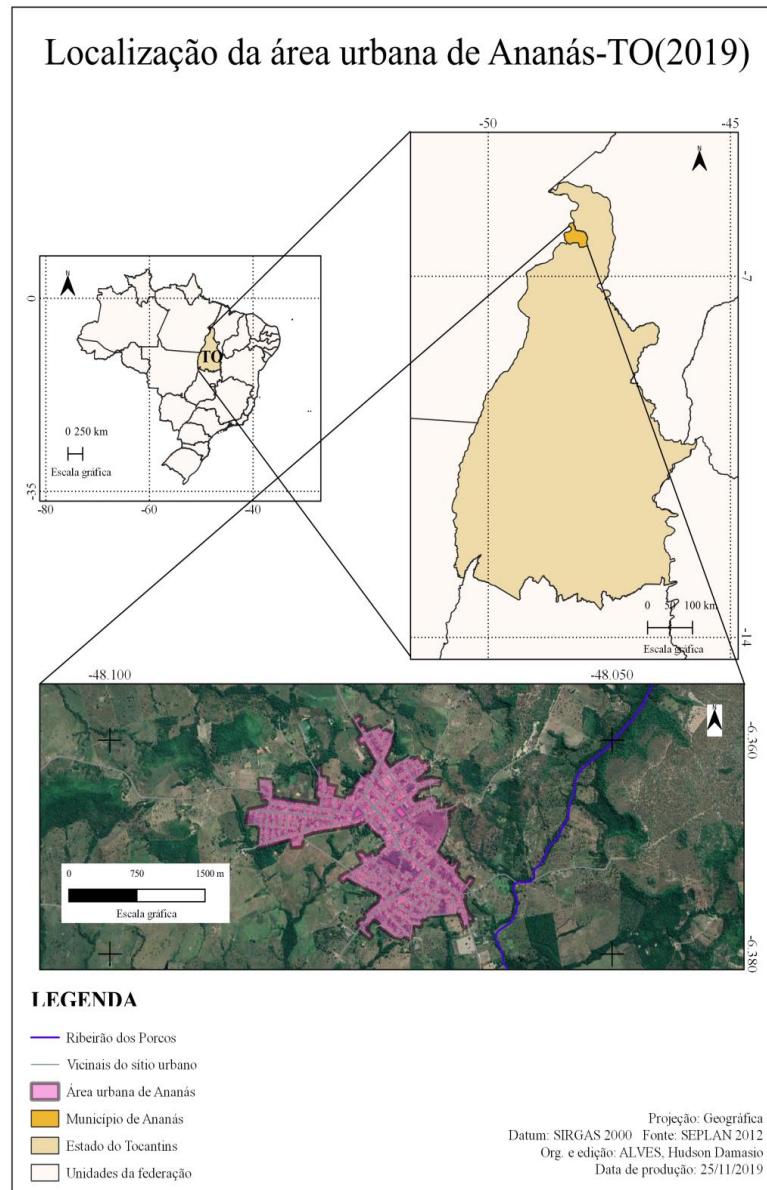
Introdução

Ananás é uma cidade do estado do Tocantins situada na área conhecida como Bico do Papagaio. A povoação ocorreu em 1890, quando fazendeiros chegaram à cidade com suas famílias para ocupar as campinas para a criação de gado. No entanto, o primeiro registro conhecido é da chegada de José Honorato Cruz e sua família por volta de 1903, oriundos do Maranhão. O senhor José Honorato, também conhecido como Zé Pardim, comprou uma fazenda na região, que passou a ser chamada de fazenda Ananás. Esse nome foi adotado em razão de uma fruta nativa da área, semelhante ao abacaxi, porém maior (Araújo, 2012).

A venda da fazenda Ananás ao senhor Firmino resultou na chegada das famílias Lopes, Borges, Soares, Leão, Batista e Vieira, o que contribuiu para a expansão da povoação. No entanto, a ocupação do local aumentou entre 1953 e 1958, com pessoas provenientes do Maranhão para a extração do coco babaçu, implantação de lavouras, garimpos de cristais e diamantes, além de refugiados da guerrilha do Araguaia. Sua emancipação aconteceu em 1963, ano em que deixou de ser um distrito de Araguatins (Araújo, 2012). A figura 1, ilustra a localização geográfica do objeto de estudo.

O objetivo deste estudo é compreender a “relação” da população com o ribeirão dos Porcos, localizado no município de Ananás -TO. Abordamos o conceito do estudo por meio das memórias e paisagens mencionadas e observadas pelos habitantes locais ao longo de uma década, de 2013 a 2023. O principal referencial teórico foi o livro “A produção do espaço”, de Henri Lefebvre (2000), que aborda os espaços percebidos, concebidos e vividos pelos sujeitos ananaense, além de artigos que contribuíram para a compreensão do lugar.

Figura 1 – Mapa de Localização do município e da área urbana de Ananás, Tocantins



Fonte: Alves (2019).

Materiais e métodos

Propomos desenvolver o estudo por meio de uma pesquisa descritiva, que, conforme Gil (2002, p. 42), consiste na “[...] descrição de características de sujeitos ou fenômenos e de relações de variáveis.” Isso significa que buscaremos identificar as relações entre o ribeirão e a população de Ananás-TO.

O estudo foi conduzido por meio de levantamentos de campo, utilizando técnicas de observação e história oral, com o objetivo de entender as relações da população com o espaço. Com essa pesquisa, entendemos a relevância desse local para os habitantes da região, além de analisar registros, como arquivos fotográficos da área em estudo, bem como os sentidos de topofilia, que se referem às sensações de bem-estar em relação ao lugar de pertencimento.

As informações foram obtidas de cinco informantes das primeiras famílias que se estabeleceram na cidade. No entanto, utilizamos apenas as declarações de três entrevistados, pois as respostas dos outros dois não forneceram as diretrizes necessárias para o desenvolvimento do trabalho. Empregamos perguntas abertas para conduzir as entrevistas, o que favoreceu o diálogo, e não identificamos os participantes. Esses indivíduos foram designados como entrevistados 1, 2 e 3. As entrevistas possibilitaram a compreensão do local de estudo por meio das histórias de vida dos entrevistados, revelando como era a paisagem do ribeirão e os sentimentos que o lugar despertava nos moradores, de acordo com suas lembranças, além de permitir a visualização da atualidade do local.

Vale destacar que as fontes orais nos proporcionaram uma compreensão muito mais precisa, pois é por meio delas que conseguimos obter informações sobre “[...] não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez [...]” Portelli (1997, p. 31). É por meio da história oral que conseguimos identificar a subjetividade do entrevistado.

A ocupação de um espaço/avanço de uma cidade

Registros de 1903 indicam que Honorato Cruz e sua família foram os primeiros habitantes de Ananás. Eles vieram do Maranhão em busca de melhores condições de vida no Bico do Papagaio. Eles possuíam suas propriedades desde o ribeirão dos Porcos até a gruta do Chico. Nessas terras, eles cultivaram lavouras de arroz, mandioca e abacaxi, além de praticar a pecuária para garantir sua sobrevivência.

De acordo com Araújo (2012, p.20), entre 1920 e 1940 já existia uma divisão de terras entre as famílias que habitavam a cidade de Ananás. O Canto da Cruz, o Centro dos Borges até o ribeirão dos Porcos eram propriedades da família Borges; do ribeirão dos Porcos até a Gruta do Chico, as terras pertenciam à família Honorato Cruz; da Gruta do Chico, Anatins (Tapuio), Zalto até as imediações do Morro Grande, as propriedades eram da família Firmino Lopes Soares.

Ao longo dos anos, seu Honorato vendeu a terra ao senhor Melquiádes, que posteriormente a repassou ao senhor Firmino. Durante essas transações, a população local

cresceu e a mão de obra assalariada foi introduzida. Firmino, em suas propriedades, estabeleceu uma relação de trabalho ao implementar “o cultivo de cana, arroz, milho, mandioca e a criação de gado” (Araújo, 2012, p.21). Por outro lado, foi a partir desse arranjo social que o desenvolvimento do comércio e, consequentemente, da cidade foi acelerado. De acordo com Brito e Shimasaki (2020), o estabelecimento de assentamentos na borda da Amazônia possibilitou a penetração na floresta com atividades econômicas voltadas ao uso do solo, inicialmente para o cultivo da roça do pioneiro, seguido pela instalação de madeireiros e garimpeiros, e, por fim, pela criação de fazendas (Brito; Reinaldo, 2017).

O processo de ocupação do município de Ananás ocorreu em duas etapas no final do século XIX e início do século XX. A primeira fase foi marcada pela chegada de Honorato da Cruz e sua família em 1903, conforme mencionado anteriormente. A segunda fase ocorreu a partir de 1960, com a emancipação do município. Ananás, por sua vez, passou por uma série de eventos econômicos em seu processo de desenvolvimento, incluindo a Guerrilha do Araguaia, que resultou na migração de várias pessoas para a cidade; o extrativismo do coco babaçu (Brito; Almeida, 2017); e a atividade mineradora na década de 1950, que atraiu pessoas em busca de melhores condições de vida. Além disso, a cidade recebeu fiéis de diversas denominações, tanto da igreja evangélica quanto da igreja católica (Araújo, 2012). Para se tornar uma cidade, Ananás chegou a pertencer a dois estados (Goiás e Tocantins) e a dois municípios (Boa Vista, atual Tocantinópolis, e Araguatins).

As recordações de alguns habitantes que participaram do processo de povoamento da cidade nos permitiram entender o quanto a cidade enfrentou desafios ao longo de sua história para se tornar um lugar que oferece momentos de prazer aos seus moradores, apesar das inúmeras lutas pela emancipação e das experiências de vida emocionantes que carrega. Antes de prosseguirmos, é importante abordar o que a memória representa para nós. Nesse contexto, conceituá-la é relevante, pois nos permite reconhecer e重构 lembranças quando fazemos parte de um grupo. Isso ocorre porque é por meio desses grupos que compartilhamos conhecimentos comuns.

A memória é o cenário onde ideias, emoções e valores são viabilizados pela coletividade em um contexto social específico, permitindo-nos observar as mudanças que ocorrem continuamente nesse espaço. Halbwachs (2006, p. 30) aponta que não são apenas nossas próprias lembranças que nos confirmam algo, mas também as lembranças de outros, pois nunca estamos a sós.

Nesse sentido, podemos observar que, ao recorrer à memória coletiva, somos capazes de descrever fatos ou objetos que já vimos, mesmo sem termos uma lembrança individual

específica. Isso demonstra que, embora nossa memória pessoal seja limitada, ela não nos permitiria recordar o todo sem a interação com a sociedade. A figura 2 ilustra espaços que podem lembrar a memória coletiva.

Figura 2 – a) Residências edificadas na década de 1960, na rua Antônio Moreira.



Fonte: <https://www.jornaldotocantins.com.br/cidades/justica-mantem-condenac-o-de-r-370-mil-a-faculdade-por-assedio-moral-contra-professores-no-tocantins->

b) Vista da Avenida Brasil



Fonte: Costa, (2020).

Na entrevista com o entrevistado 2 (Fev. 2020), ele comentou sobre sua chegada à cidade e a respeito da ocupação da mesma. O prefeito na época era Antônio Juca. Na sua memória, as construções da época até hoje permaneceram intactas.

A cidade aqui assim que eu cheguei era o prefeito Antônio Juca. As ruas eram só areia, as casas eram todinhas de palha. A única casa que tinha a frente construída era do Berlim e essa aqui da esquina que ainda hoje tem ali, aquela que hoje é a barbearia, que permanece do mesmo jeito. (Entrevistado 2, Fev. 2020).

Dessa forma, percebemos o simbólico do lugar, ou seja, a preservação da identidade dos indivíduos de Ananás, evocada por meio de suas construções e das realidades de seus cotidianos

no processo de formação da cidade a partir de objetos concretos. O entrevistado 2 também destaca que a cidade, em seus primórdios, possuía duas avenidas principais que ainda existem, embora seus nomes originais tenham sido modificados. A antiga Rua do Comércio passou a ser chamada de Avenida Brasil, e a Rua dos Crentes recebeu o nome de Avenida Betel.

De acordo com alguns habitantes, o crescimento da cidade de Ananás teve início a partir das duas avenidas, pois, posteriormente, foram desenvolvidas a Rua das Mangueiras, a Rua das Quatro Bocas e outras vias nas proximidades do centro da cidade. Esses locais ainda são cheios de significados para os habitantes, pois eram pontos de trocas comerciais e de atividades como as quebradeiras de coco. Segundo o entrevistado 1 (2020), “as mulheres nesse período trabalhavam com a extração do babaçu e que deles tiravam seus sustentos, pois vendia ou muitas vezes trocavam por alimentos e roupas”.

O entrevistado 1 fala sobre sua chegada à cidade e o motivo pelo qual escolheu Ananás como seu local de prazer, afirmando:

Eu escolhi morar aqui por que foi onde a gente foi criado. Sofrendo, quebrando coco, eu digo, não é lá que eu quero viver, que a gente tem que provar que no lugar difícil você sobrevive, né? Ai a gente achar que é só nos grandes centros, não, a gente sobrevive em qualquer lugar. Voltei pra cá e fui sobreviver. Entrar na área comercial e, então foi desenvolvendo. Vivo tranquilo, vivo bem graças à Deus. (Entrevistado 1, fev. 2020).

Como o entrevistado 1 mencionou anteriormente, ele compartilha sua experiência desafiadora, destacando que desistir do local onde via oportunidades para ganhar a vida foi uma tarefa difícil. O autor recorda seu avô, Tibúrcio Vieira, que chegou à cidade e rapidamente construiu a primeira igreja evangélica de Ananás, da denominação Assembleia de Deus, na conhecida rua dos Crentes (atual avenida Betel). Ele foi o primeiro pastor e teve um papel importante no desenvolvimento da cidade na época.

Os habitantes de Ananás lembram-se do processo histórico de construção da cidade, no qual o lugar e o cotidiano permitem perceber a diversidade de objetos e ações presentes no espaço. Assim, embora as mudanças ocorram, cada pessoa retrata a construção dos lugares a partir de suas próprias lembranças e experiências.

O ribeirão dos Porcos e seu papel para Ananás

O Ribeirão dos Porcos, parte da bacia do rio Corda, integra a bacia hidrográfica do rio Araguaia. A TO-210, uma das vias de entrada para a cidade, atravessa o local e dá acesso à

Avenida Betel, onde se encontra o SAAE - Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Ananás, além de bairros com maior densidade populacional da cidade.

Os córregos Água Branca, Água Gostosa, Cipó, do Garimpo, Grota do Chico, Lú, Água Vermelha, ribeirões Curicacas, da Cruz, do Peixe, dos Porcos e Morro Grande compõem a hidrografia do município de Ananás.

Recebe o nome de ribeirão dos Porcos devido à presença de um criatório de porcos (mangueiro) em suas proximidades. Embora grande parte das margens deste ribeirão tenha sido devastada, ainda é possível encontrar áreas com vegetação nativa, especialmente em sua cabeceira.

O ribeirão possui uma ampla área de floresta em suas margens, o que ajuda a prevenir erosões e possíveis assoreamentos na região, conforme ilustra a figura 3. Porém, os moradores lembram que o curso d'água reduziu em volume e profundidade, e que as enchentes passaram a ocorrer com mais frequência durante as chuvas. Trata-se de um ribeirão cujo regime fluvial é resultado das precipitações de verão típicas do clima tropical (Aw) e das monções (Am).

Figura 3 - Na imagem, a vegetação indica a presença da mata de galeria do Ribeirão dos Porcos



Fonte: Google Earth Pro, 2019.

O entrevistado 3 relata ter ficado impressionado com a extensão da mata virgem ao longo do ribeirão durante um projeto em que trabalhou na Secretaria do Meio Ambiente. Ele afirma: “Fiquei encantado!”. Ainda há mais de 4.000 metros de floresta virgem. Árvores centenárias, com diâmetro suficiente para serem abraçadas por quatro pessoas, foram encontradas nas margens do ribeirão. Trata-se de uma área de transição entre os biomas Cerrado e Floresta Amazônica (Brito, 2016).

Enfatizando a importância do sujeito ananaense em relação ao local ribeirão dos Porcos, por meio do espaço que começa a ser visto como espaços percebidos, concebidos e vividos, conceito abordado por Henri Lefebvre em "A produção do espaço". Entendemos esses espaços como a percepção ou prática espacial, que é a ação das pessoas, a utilização e a percepção (visão) do espaço. As representações do espaço ou espaços concebidos estão ligadas às relações predominantes dos modos de produção e à "ordem" que essas relações estabelecem. Isso se relaciona, portanto, ao conhecimento formal, bem como aos signos e códigos racionais. Um exemplo disso é o saber contemporâneo vinculado aos projetos urbanísticos e à cartografia formal. Por outro lado, os espaços de representação ou vividos incorporam simbolismos e experiências passadas.

Percebemos, então, como esse ribeirão foi o berço da criação de experiências e significados para os habitantes de Ananás, transformando o local em um repositório de memórias que ainda hoje se faz presente para aqueles que ali vivem. Para isso, a seguir apresentamos algumas memórias dos habitantes que aqui construíram suas experiências por meio das práticas sociais e dos espaços de representações (vividas).

Desde a ocupação da cidade, o ribeirão dos Porcos proporcionava aos habitantes os recursos necessários para sua sobrevivência. Nesse contexto, o entrevistado 3 (2020) indica que as principais atividades realizadas pela comunidade na época eram a lavagem de roupa, uma vez que, aos sábados, as mulheres se dirigiam ao ribeirão, cada uma carregando suas "trouxas" na cabeça. Assim, além de ser utilizado para as atividades domésticas, o córrego era usado para banho, caça e pesca. Brito e Shimasaki (2021) descrevem essas atividades das mulheres ribeirinhas no rio Araguaia e as interpretam como uma prática cultural.

De acordo com o entrevistado 3 (2020), "as mulheres lavavam as roupas nas lajes, pois o ribeirão antigamente era todo constituído por lajes onde havia também quedas d'água (cachoeiras)". Era comum que as mulheres daquela época descessem ao ribeirão com "trouxas" de roupas usadas no hospital para lavá-las. O entrevistado 3 também esclareceu que o ribeirão dos Porcos servia como local de lazer, pois as pessoas utilizavam o espaço para reuniões familiares, casamentos e até namoros.

Na mesma linha de pensamento do entrevistado 3, o entrevistado 2 (2020) declara: "A cidade inteira usava os porcos para lavar roupas, lavar carros naquele tempo." Os poços fundos, lajeirão, tudo limpo lá. Água limpa, o pessoal lavava tudo ali."

Até o momento, essas ações ainda acontecem, embora em menor escala, devido ao fornecimento de água à população. Assim, o uso do ribeirão para atividades domésticas só ocorre durante a manutenção da bomba ou quando ela queima. Para outras atividades, como

lazer e pesca, o uso é mais frequente. Contudo, o ribeirão dos Porcos é um local de memória que se reveste de diversos símbolos, entendidos pelas múltiplas manifestações da atividade humana.

O Balneário Ribeirão dos Porcos foi edificado às margens do córrego. Nesse contexto, a partir da criação do balneário, surge um espaço concebido que passa a ser visto pelos moradores como um local para obter lucro para o proprietário da área. Isso acaba impedindo o uso por aqueles que não têm condições de pagar. No entanto, essa prática não ocorre com frequência, apenas em ocasiões festivas voltadas para fins lucrativos. Nesse sentido, fica evidente como o lugar adquiriu valores e significados. Antes de se tornar um espaço "privado", os moradores tinham a liberdade de usar e desfrutar do local como quisessem.

Também é evidente que ocorre aqui a ressignificação das memórias do local das experiências, dos indivíduos que se relacionavam ali, compartilhavam suas histórias e construíam suas trajetórias de vida. Para isso, a população aproveita o local nos finais de semana e feriados, e também se torna um espaço onde acontecem festas e premiações de eventos como Passeio Ecológico, Rally Bike, entre outros.

Além do ribeirão dos Porcos, a cidade adquire novos usos e significados com a construção de ruas, avenidas, igrejas, praças, hospitais, escolas e novas residências. Um exemplo disso são as casas entregues aos beneficiários do programa Minha Casa Minha Vida.

Esse local conferiu diversos significados às famílias que ali constroem suas vidas, evidenciando que os espaços adquirem sentidos quando os indivíduos se inserem neles, construindo suas identidades com base em suas vivências.

Nesse sentido, o ribeirão dos Porcos é fundamental para as pessoas que vivem em sua proximidade, pois elas puderam construir suas identidades a partir de sua relação com o ribeirão. Torres (2019, p. 308) apresenta:

[...] Por sua vez, a cultura existente em um determinado lugar remete às percepções e às memórias do seu povo e dos valores erigidos ao longo do tempo, pois o espaço construído e imaginado tem raízes nas vivências e experiências de cada indivíduo. As identidades – que resultam na cultura, mas que são também resultado dela – pautam-se nos valores edificados no dia-a-dia compartilhado entre as pessoas, na troca de informações, na educação, no trabalho e no lazer, e, sobretudo, nas construções simbólicas que permeiam as suas vidas. (Torres, 2019, p.308)

Assim, como expressado citado acima, reconhecemos a verdade de que as experiências individuais são fundamentais para a criação de um espaço. Desse modo, a população de Ananás se desenvolveu a partir de suas experiências com o ribeirão dos Porcos, atribuindo ao local significados e valores.

Considerações finais

Elaboramos este estudo com o objetivo de entender a conexão dos habitantes de Ananás com o ribeirão dos Porcos. Como ele participou do processo de ocupação da cidade e como o ribeirão dos Porcos se transformou em lócus para a representação do espaço dos sujeitos ananaenses.

Observamos que, no início do povoamento da cidade, Ananás era um local onde as pessoas desfrutavam de condições de vida acessíveis, utilizando recursos naturais como o rio, realizando atividades como a caça para suprir as necessidades básicas de alimentação, além de desenvolverem plantações e criações de animais. Isso se torna evidente em meados de 1903, quando a primeira família se estabelece no município, a família de Honorato Cruz.

Ananás vivenciou dois períodos econômicos: a extração de coco babaçu e a mineração no garimpo do chiqueirão. Além disso, a igreja teve um papel importante no crescimento populacional da cidade na década de 1950. Apesar da ausência de uma política de preservação do patrimônio material, as edificações encontram-se atualmente em excelente estado de conservação.

O ribeirão dos Porcos teve um papel importante no processo de crescimento da cidade, pois proporcionou condições de sobrevivência para as pessoas que ali chegavam. Todos os que ali moravam se deslocavam até o ribeirão para atender às suas necessidades, como banho, pesca, tarefas domésticas (lavar roupas e louças) e coleta de água para consumo. Isso gerava um intrínseco emaranhado de vivências e experiências desses moradores com o ribeirão.

Com o passar dos anos, tanto o ribeirão quanto o Ananás sofreram várias transformações. No entanto, os significados e representações construídos pela população ao longo do tempo foram preservados. Mesmo frente aos novos significados atribuídos a esses indivíduos com a criação de igrejas, escolas, casas, hospitais e balneários, como o ribeirão dos Porcos, onde seu uso pela população foi limitado em dias de festividades.

Nesse sentido, refletir sobre as várias maneiras de transformação dos lugares e os novos sentidos que são atribuídos a esses espaços nos ajuda a compreender que, como organizadores de uma sociedade, devemos estar atentos à realidade a partir de certas construções que são feitas no espaço, pois muitas vezes essas acabam perdendo seus significados e valores.

Referências

ARAÚJO, Cristina Mendes. **A (re) produção do espaço urbano de uma cidade pequena**: um estudo de caso da cidade de Ananás-To. 2012. p. 68. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2012. Cap. 2.

BRITO, Eliseu Pereira de. **Itinerários de uma identidade territorial na invenção do ser tocantinense**. 2016. 247 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/6565/5/Tese%20-20Eliseu%20Pereira%20de%20Brito%20-%202016.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2021.

BRITO, Eliseu Pereira de; REINALDO, Thayssllorranny Batista. Na fronteira de ocupação agrícola no norte do Tocantins. Olhares a partir de Carmorlândia? Tocantins. **Revista Espaço Acadêmico** (UEM), v. XVI, p. 110-119, 2017

BRITO, Eliseu Pereira de; ALMEIDA, Maria Geralda de. Sentido e organização do trabalho das quebradeiras de coco no Bico do Papagaio. **Geosul**, Florianópolis, v. 2, n. 32, p. 229-249, jan. 2017. Semestral. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2017v32n63p229>. Acesso em: 23 fev. 2021.

BRITO, Eliseu Pereira de; SHIMASAKI, M. M. Territórios e identidades dos ribeirinhos pescadores vazanteiros do rio Araguaia em Araguatins, Tocantins. **CONFINS** (PARIS), v. 48, p. 01-20, 2020.

BRITO, Eliseu Pereira de; SHIMASAKI, M. M. A pesca artesanal no baixo rio Araguaia em Araguatins, Tocantins, Brasil. **REVISTA GEOGRAFICA DE AMERICA CENTRAL (IMPRESSO)**, v. 67, p. 221-241, 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed., São Paulo: Atlas, 2002. p.176 Disponível em: <http://www.urca.br/itec/images/pdfs/modulo%20v%20-%20como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**: memória individual e memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace . 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006. Disponível em: https://gpect.files.wordpress.com/2014/06/henri_lefebvre-a-produc3a7c3a3o-do-espac3a7o.pdf Acessado em: 20. Outubro de 2019.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revisão técnica: Dea Ribeiro Fenelon. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, p. 25-39, Fev. 1997. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>>. Acessado em: 24 de Outubro de 2019.

TORRES, Marcos Alberto. As formas simbólicas e a paisagem. In: GIL FILHO, Sylvio Fausto; SILVA, Marcia Alves Soares da; GARCIA, Rafael da Silva. Ernst Cassirer, **Geografia e Filosofia**. Curitiba/PR: UFPR, 2019, p. 308-334.